

O COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO PARTICULAR E O INSTITUCIONAL: BREVES REFLEXÕES SOBRE SUAS CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Cláudia Pereira de Jesus Carvalho (UNESP) - claudia.pjc@yahoo.com

Carlos Cândido de Almeida (UNESP) - carlos.c.almeida@unesp.br

Resumo:

Este trabalho apresenta e discute algumas características que permeiam os dois níveis do colecionismo, particular e institucional. Traçamos algumas peculiaridades e diferenças nos fundamentos lógicos e práticos dos diferentes domínios colecionistas. Acreditamos que essas reflexões sejam primordiais para entender e aprimorar determinados processos existentes nas unidades informacionais, tais como a formação e desenvolvimento de coleções, a institucionalização de coleções anteriormente particulares, assim como o próprio tratamento e disseminação dessas coleções.

Palavras-chave: *Colecionismo. Coleções bibliográficas. Biblioteconomia.*

Eixo temático: *Eixo 6: Gestão de bibliotecas*

1 Introdução

O universo do colecionismo comporta uma diversidade de possibilidades, motivações e significações. Ao adentrarmos no campo bibliográfico, temos o livro como objeto colecionável.

A eclosão das coleções bibliográficas se dá com a invenção da imprensa e passa a ser cada vez mais comum. Para Lemos (2008, p. 101) “Uma das principais conseqüências sociais da invenção da escrita e de suportes de baixo custo, duráveis e portáteis, para os registros escritos, foi a formação de coleções desses registros. Coleções que viriam a ser conhecidas pelo nome de bibliotecas.”.

A partir da segunda metade do século XX, com a ampliação da população alfabetizada, o mercado livreiro ganha um público mais volumoso e diferenciado, impelindo as editoras a terem produtos diversificados para esses novos clientes em potencial (SOUZA; CRIPPA, 2016, p. 232).

Quanto ao ser que coleciona, existem apenas duas opções possíveis: ou será uma pessoa física, um colecionador particular, ou uma pessoa jurídica, um colecionador institucional.

Assim, é objetivo deste artigo apresentar e discutir algumas características que permeiam os dois níveis do colecionismo e o que cada um traz de especificamente seu. Acreditamos que essas reflexões sejam primordiais para entender e aprimorar determinados processos existentes nas unidades informacionais, tais como a formação e desenvolvimento de coleções, a institucionalização de coleções anteriormente particulares, assim como o próprio tratamento e disseminação dessas coleções.

2 Método da pesquisa

Buscamos apresentar uma reflexão teórica através da abordagem metodológica qualitativa, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho descritivo. Para Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa bibliográfica propicia o exame de um tema sob um novo enfoque ou abordagem, levando a conclusões inovadoras. A pesquisa descritiva, segundo Köche (2002) estuda as relações entre duas ou mais variáveis, constata e avalia essas relações, na medida que se manifestam espontaneamente em fatos, situações e condições já existentes.

O material coletado foi analisado sob a ótica da Análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). A Análise de conteúdo, utilizada para tratamento de dados em pesquisas qualitativas, não é apenas um método, mas a combinação de várias técnicas e ferramentas aplicadas para captar o significado de qualquer material verbal.

3 Bibliofilia

Costa (2009, p. 13) afirma que “O vício, a paixão, a mania de se adquirir e colecionar livros – ou seja, a bibliofilia – é tão antiga quanto à própria criação do registro da escrita.”. Para Mindlin (2005, p. 15) “o livro exerce uma atração multiforme, que vai muito mais além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental”.

Como destaca Costa (2009, p. 24), “o que está por trás da Bibliofilia não é o apego excessivo à leitura, mas o amor pelos livros, simplesmente por serem livros”. À vista disso, depreende-se que embora a escolha possa se basear tanto pela parte interior quanto exterior do livro, a leitura de todos os livros da coleção não é demanda primordial, o imprescindível é a posse da obra desejada.

Cabe explorar um pouco as significações do livro para além da materialidade e do conteúdo informacional, entendê-lo como um semióforo. Em suma, semióforo é um objeto que é um símbolo, uma representação, que carrega algo que não está visível (CHAUÍ, 2000; POMIAN, 1984). Enquanto semióforo, o livro será um objeto ao qual se atribui um significado para além do texto e de sua materialidade (LIMA, 2007). Há o componente material do livro, o componente textual e o componente simbólico. Desta maneira, os livros podem se tornar uma espécie de objeto de culto, de adoração pelo valor figurativo que alguém confere a eles.

Assim, este objeto será um sustentáculo para um significado que transcende a sua forma material ou possível utilidade, e só é possível saber esse significado ao conhecer a história daquele objeto ou a sua relação com algo ou alguém que resultou em seu valor representacional.

Bragança (1999, p. 187) considera que os bibliófilos formam “um círculo restrito que cultua o livro não só como conteúdo de informação e arte, mas também como objeto, suporte de uma tradição que se vai abandonando, com a emergência de outros veículos da escrita mais complexos, leves e atraentes.”.

Para Philipp Blom (2003), o objeto que almejamos é, de fato, um atributo daquilo que desejamos, uma representação, uma personificação de algo maior que buscamos. Assim, o colecionismo bibliográfico encontra-se ligado ao desejo de saber, de cultura, de erudição e do poder associado ao conhecimento que eles podem proporcionar.

4 Coleções particulares e institucionais

Embora o colecionismo tenha efetivamente começado como uma atividade pessoal, com as transformações histórico-sociais, próprias do passar do tempo, o colecionismo adquiriu novas formas e propósitos. Assim, existem pessoas e instituições colecionadoras, conforme já definiu Peter Homulos (1990). O que muda, indiscutivelmente, é o caráter da atividade colecionadora, pois na coleção pública segue-se critérios formais, objetivos, com aquisições planejadas em suas dimensões

administrativa, estratégica e financeira.

Portanto, acreditamos na conveniência de traçar algumas peculiaridades a respeito do colecionismo no seu nível individual, de pessoas físicas, e do seu nível institucional, de pessoas jurídicas. Ou, como define Azevedo (2015, p.14), coleções formais ou informais.

É necessário esclarecer que existem diferenças nos fundamentos lógicos e práticos dos diferentes domínios colecionistas. Os delineamentos acerca de coleções e colecionadores, em sua generalidade, referem-se ao âmbito particular da questão. No setor institucional as origens, motivações e significações das atividades colecionistas ainda não receberam tanta dedicação quanto o setor particular.

A motivação é uma característica fundamental na diferenciação de coleções públicas e privadas. Ainda que inicialmente uma coleção tenha sido particular, no momento em que ela passa a estar em poder de uma instituição, as razões de sua existência e manutenção passam a ser outras. Os itens continuam os mesmos, porém mudando a esfera de posse, muda-se também o significado dos mesmos.

Enquanto nas coleções bibliográficas informais o desenvolvimento se pauta por uma lógica fundamentalmente subjetiva, nas coleções formais, para Vergueiro (1989, p. 63) a aquisição para uma coleção institucionalizada é um processo meramente administrativo, destacando-se o lado predominantemente técnico da formação e desenvolvimento de coleções.

É prática comum que grandes colecionadores deixem seus acervos em testamento para alguma instituição ou que a própria família faça a doação; essas coleções costumam ficar em espaço especial e receber o nome do proprietário.

No nível particular, existe apenas a relação entre o indivíduo e sua coleção; no momento em que essa mesma coleção passa a pertencer a uma instituição, seja ela museu, biblioteca ou arquivo, novas relações são criadas. Assim, temos a coleção figurando no centro de três classes de relações: coleção/criador, coleção/instituição e coleção/público (SANTOS, 2015, p. 26).

A exposição e a interação do público é algo fundamental das coleções institucionais, enquanto nas particulares isso constitui-se exceção; apenas alguns colecionadores permitem visitantes e um número menor ainda admite que haja contato físico com os itens. As coleções particulares se coadunam mais com a finalidade de posse, enquanto que as coleções públicas existem para serem expostas e/ou utilizadas. E essa utilização demanda métodos específicos e formais, como os sistemas de classificação bibliográfica.

5 Considerações Finais

É bem provável que não seja possível delimitar uma figura universal do

coleccionador, e sim diversas categorias de colecionadores. E essa diferença não se restringe somente ao tipo de objeto que colecionam, mas também, e principalmente, pelo seu *modus operandi*, pelas suas motivações, pelos seus rituais, pelos processos semióticos criados por cada colecionador. Destaca-se então a necessidade de se explorar as diversas facetas do colecionismo e ressaltar mais as diferenças do que as semelhanças.

Desse modo, entendemos que no âmbito público se destaca a identidade da coleção, enquanto que no âmbito privado, a identidade do colecionador é o fator mais relevante. O colecionador particular coleciona para si próprio, então somente seus interesses importam; enquanto que a instituição colecionadora o faz para os outros, ela precisa considerar os interesses da coletividade que terá acesso a essa coleção.

Dentre as tipologias colecionistas, as coleções bibliográficas são as que se relacionam mais intimamente com a Biblioteconomia. Acreditamos que estudar o colecionismo individual é necessário para entender o colecionismo institucional, pois um surge a partir do outro. A formação de coleções pessoais precede as coleções institucionais, e estas são, muitas vezes, o destino daquelas.

Renault e Araujo (2017, p. 6) defendem a importância dos bibliotecários, enquanto administradores das coleções especiais, de “[...] recuperar os sentidos e usos de constituição das coleções e também de apresentá-las e ressignificá-las para as comunidades presentes e futuras.”.

Diversas vezes, coleções particulares são recebidas como doação e anexadas ao acervo de bibliotecas. Esse processo de institucionalização precisa ser muito cuidadoso, essas coleções apresentam aspectos significativos e informacionais que excedem o conteúdo temático dos materiais, comumente o mais valorizado pelas bibliotecas. Portanto, antes que sejam tomadas decisões quanto à organização, acesso, tratamento descritivo e temático dessas coleções, é necessária um processo de pesquisa e interpretação dos significados ali contidos.

Referências

AZEVEDO, R. L. T. **O “Espaço Cassiano Nunes” e o desenvolvimento de coleções da Biblioteca Central da Universidade de Brasília:** a aplicação da política de seleção ao colecionismo. Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Brasília: UNB, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BLOM, P. **Ter e manter:** uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRAGANÇA, A. **Livraria ideal:** do cordel à bibliofilia. Niterói: Pasárgada: EDUFF, 1999.

CHAUÍ, M. A nação como semióforo. *In*: CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 11-29.

COSTA, F. M. **Bibliofilia: a eterna devoção aos livros**. 2009. Monografia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collecting institutions. **Art Libraries Journal**, vol. 15, n. 1, p. 11-13, 1990.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. 20 ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

LEMOS, A. A. B. Bibliotecas. *In*: CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. T. (org.) **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 101-119.

LIMA, V. R. **Fundamentos e andamentos: uma reflexão sobre as bibliotecas a partir da formação de coleções de livros**. Marília: UNESP, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

POMIAN, K. Coleção. *In*: GIL, Fernando (org.). **Enciclopédia Einaudi**. Volume 1 Memória-História. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RENAULT, L. V. ; ARAUJO, D. M. P. Ainda sobre o ato colecionador: abordagens para estudos de coleções bibliográficas especiais. *In*: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 27, 2017, Fortaleza. **Anais...** São Paulo: FEBAB, 2017. v. 26.

SANTOS, A. S. **A influência do colecionismo na representação da memória social: análise da coleção Amidicis Tocantins**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.

SOUZA, W. E. R. ; CRIPPA, G. Os canais de venda de livros: o exemplo das coleções de livro de bolso. **Conexão: Comunicação e Cultura** , v. 15, p. 209-233, 2016.

VERGUEIRO, W. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, 1989.

Agência financiadora

Este trabalho foi realizado com o apoio da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2018/16154-0).